

“O Amazonino falou que daria várias obras para a Marmud Cameli. Em troca, indicaria uma empresa para ir para o Acre”

Correio Braziliense - Que tipo de projeto Amazonino e Cameli faziam na época da campanha eleitoral de 1994?

Guilherme Duque Estrada - Teve uma reunião na casa do Amazonino, não foi nem na casa, foi no apartamento, no prédio onde o Amazonino tem um apartamento, na Ponta Negra, em Manaus. O Amazonino falou que se ganhasse, se viesse a ganhar o governo do estado, ele gostaria que a Marmud Cameli se transferisse para Manaus, porque ele daria várias obras para a Marmud Cameli. Em contrapartida, ele indicaria alguma empresa para ir para o Acre.

Correio - O fato de você ter deixado de assessorar o Cameli tem a ver com a morte do Edmundo Pinto?

Guilherme - Tem. Tem a ver com a morte do Vandervan (Rodrigues), que era o presidente da Cohab (Cooperativa Habitacional do Estado do Acre) na época do Edmundo Pinto.

Correio - E você acha que as mortes têm alguma ligação?

Guilherme - Têm. Edmundo morreu, segundo o próprio Vandervan, porque teria ferido interesses de pseudo-aliados.

Correio - Quais?

Guilherme - Narciso Mendes, Rómulo Magalhães (vice de Edmundo), Carlos Airton Magalhães (presidente da Sanacre na época, hoje deputado federal, com quem Edmundo Pinto havia brigado por conta da licitação do Canal da Maternidade)...

Correio - Que tipo de interesse ele poderia ferir?

Guilherme - Edmundo iria depor no dia 19 de maio de 1992 na CPI do Magri. O Vandervan, nessa época, era o presidente da Cohab e foi o engenheiro técnico do projeto do Canal da Maternidade.

Correio - E o que Vandervan sabia?

Guilherme - Ele deixou um diário, uma agenda. Ele não cita o período que comprehende. Esse diário diz muitas coisas, por exemplo, diz assim, numa das primeiras páginas “para receber meu salário, encaminhar cópia do atestado de óbito ao Reginaldo, na superintendência”. Aí dá o telefone. Isso ele deixa para a esposa dele, a Ana Cláudia Nobre, porque sabia que ia morrer.

Correio - Em algum trecho ele menciona o que ele poderia falar?

Carlos Eduardo 13.06.97



Duque Estrada, lobista que conseguia verbas para Cameli em Brasília

Guilherme - Ele fala, por exemplo, “o governador morreu por ter ferido interesses políticos de pseudo-aliados. Ameaçou denunciar obras que foram executadas por três vezes o valor real, tais como os hospitais executados em Porto Velho, Brasília e Rio de Janeiro com recursos do Ministé-

rio da Saúde. Não foram investigados ou denunciados, obras da Construtora Mendes Carlos”. Que é do Narciso Mendes.

Correio - Que hospital é esse?

Guilherme - Do Paranoá, em Brasília..

Correio - Assim como o Edmundo Pinto, o Vandervan iria prestar algum depoimento sobre esse caso?

Guilherme - O Reni Greber (delegado da PF, que indiciou Vandervan e outras 14 pessoas por irregularidades no processo do Canal da Maternidade) deu uma entrevista dizendo que a primeira pessoa que iria chamar para depor seria o Vandervan, isso no dia 1º de junho de 1994. No dia 3 de junho, o Vandervan dá uma entrevista dizendo que vai depor e que, se cair, não vai cair sozinho. No dia 6 de junho, ele é assassinado na porta da casa dele em Rio Branco.

Correio - Como é que funciona esse esquema de licitações lá no Acre?

Guilherme - É direcionada. Você pega por exemplo a obra do aeroporto de Marechal泰umaturgo, obra orçada em 2,4 milhões. Quem está executando essa obra? Uma empresa de nome Marmud Cameli, que começou a fazer a obra antes de ser licitada. Aí houve a licitação.

Correio - O que existe de verdade na suspeita de envolvimento do Cameli com tráfico de drogas?

Guilherme - Isso é muito superficial. Cameli é amigo da Sânia Hadok Lobo, que é a esposa do gerente do cartel de Cali no Brasil, o Curica (Antônio Mota Graça, preso no dia 12 de maio, em São Paulo, por agentes da PF).

Correio - Você chegou a conhecer a Sânia?

Guilherme - Cheguei. No aeroporto de Rio Branco, através do advogado do Cameli, o Neto.

Correio - Você disse que não se espantou quando soube da denúncia de compra dos deputados. Por quê?

Guilherme - Porque no Acre não se faz nada que não tenha dinheiro no meio. Exemplo, impeachment do Collor de Mello. Quem votou a favor do Collor? Ronivon Santiago, Célia Mendes. Ronivon alardeava, para quem quisesse ouvir, que recebeu da mão do Ricardo Fiúza um milhão e meio de dólares. Para fazer uma obra no Acre que nunca foi construída. Isso foi dito para mim pelo próprio Ronivon em um jantar em Cruzeiro do Sul, meses depois. E que isso foi decidido em um jantar de desagravo feito na casa de um deputado lá em Brasília, onde tinha 147 deputados.